

PADRÕES DE TEXTUALIDADE NOS DISCURSOS DIDÁTICO E TÉCNICO

Sebastião Josué Votre (UFRJ)
Fábio Freitas da Silva (UGF/RJ)

Nesta comunicação apresentamos um breve relato acerca do nosso estudo sobre padrões de textualidade em manuais técnicos e didáticos, que estamos desenvolvendo em convênios da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro com o INEP. Consideramos pertinente esta comunicação, não por achados que tenhamos a apresentar, mas como uma contribuição para a revisão crítica da literatura relevante e como uma oportunidade para uma avaliação dos fatores com que estamos trabalhando.

Pressupomos que existem padrões de textualidade que devem estar presentes, com maior ou menor grau de relevância, em toda e qualquer produção textual. Estamos interessados em descobrir: 1º) quais são os padrões primordialmente relevantes em manuais técnicos e didáticos; 2º) quais são as marcas características desses padrões; 3º) que recursos de um tipo de manual podem ser úteis ao outro tipo.

Dos manuais teóricos, optamos por estudar manuais de computador, cuja produção tem sido criticada quanto à forte influência do modelo de língua inglesa, principalmente no léxico e na sintaxe, a ponto de se prejudicar a qualidade do material produzido. Parece-nos comprometedora a ausência de qualquer estudo crítico de manuais técnicos e, principalmente, a ausência de um estudo que, sem esquecer as finalidades específicas desses manuais, examine-os em termos das suas características como produção textual. Em uma situação semelhante, encontram-se os manuais didáticos, que são sempre analisados em termos apenas pedagógicos.

Dos manuais didáticos, optamos por estudar os manuais de História do Brasil, pois considerávamos que nossos pressupostos teóricos tais se aproximavam das características desses manuais.

Nosso ponto de partida foram os estudos de Beaugrande e Dressler¹ que definem texto como uma ocorrência comunicativa que preenche determinados padrões de textualidade: coesão, "os modos como os componentes superficiais do texto, isto é, as palavras reais que ouvimos ou vemos, são mutuamente conectados no interior de uma sequência"²; coerência, "os modos como os componentes do mundo textual, isto é, a configuração de conceitos e relações subjacentes ao texto superficial, são mutuamente acessíveis e relevantes"³; intencionalidade, "referente à atitude de quem produz o texto, no sentido de que o conjunto de ocorrências produzidas deva construir um texto

coeso e coerente de modo a permitir a consecução das suas intenções"⁴; aceitabilidade, "referente à atitude do receptor do texto, no sentido de que o conjunto de ocorrências deva constituir um texto coeso e coerente que tenha algum uso ou relevância para o receptor"⁵; informatividade, "refere-se ao grau em que as ocorrências do texto apresentado são consideradas esperadas vs inesperadas ou conhecidas vs desconhecidas/certas"⁶; situacionalidade, refere-se aos fatores que tornam um texto relevante para uma situação de ocorrência"⁷; intertextualidade, "de modo geral, é responsável pela evolução de tipos de textos como classes de textos com padrões típicos de características"⁸.

Consideramos mais operacionalizável o padrão de coesão; o sintagma, a oração e o período, ou seja, as principais unidades da sintaxe, constituem um nível de coesão; fatores de outro nível são a recorrência lexical, a paráfrase, o paralelismo, a elipse, as marcas de tempo e de aspecto e as pro-formas. É certo que cada um desses fatores pode contribuir de modo relevante para a coesão de um texto. Entretanto, parece-nos que a mera observação desses fatores implica uma noção de coesão restrita às dependências entre partes de um texto, e não uma propriedade do texto como unidade discursiva.

A partir da constatação de que um texto se desenvolve pela combinação de unidades que não coincidem necessariamente com unidades sintáticas, Givón⁹ admite que o parágrafo temático é o nível mais imediatamente relevante para a análise do processo de continuidade no discurso. Givón caracteriza o parágrafo temático pela continuidade de tema, de ação e de tópico, mas analisa apenas a continuidade de tópico, com a utilização de três medidas: 1º) a distância entre um tópico e a sua última ocorrência no texto; 2º) a persistência, ou seja, em quantas orações subsequentes mantém-se o tópico de uma oração; 3º) o grau de arbitrariedade de um tópico, considerados os seus possíveis concorrentes.

Essas medidas de continuidade se revelaram pouco produtivas quando aplicadas em textos de manuais de História do Brasil. Neles, ora alternam-se descrições do contexto e descrições dos personagens, ora alternam-se descrições e ações dos personagens, ora alternam-se ações do protagonista, do antagonista e de coadjuvantes. Conseqüentemente, os textos apresentam poucas cadeias de um mesmo tópico e baixas taxas de continuidade tópica, sem que isto implique uma falta de coesão nos textos. Portanto, os conceitos quantitativos de Givón parecem restringir a análise do texto às medidas de cadeias tópicas, cujas orações apenas seguem uma a outra, sem formarem unidades maiores que desempenham funções determinantes da estrutura textual.

Em contraste com a proposta de Givón, Fox¹⁰, ao estudar alguns mecanismos anafóricos, destaca a necessidade de uma visão hierárquica do texto, cujo desenvolvimento deve ser explicado em termos de limites de episódio e mudanças de cena. Entretanto, a análise de episódios foi pouco produtiva para o estudo da continuidade de tópicos em textos de História, porque neles predominam episódios compostos por períodos curtos onde alternam-se eventos importantes e secundários.

Na linha de Fox, Nichols¹¹, ao estudar a continuidade de tópicos em narrativas russas, propõe uma atenção especial para a perspectiva em que é apresentado o referente-tópico. Nichols constatou uma tendência forte para a ocorrência de nomes próprios em contextos de empatia positiva com o personagem; e uma tendência para descrições e epítetos quando é negativa a empatia com o personagem. Parece-nos interessante avaliar a importância da perspectiva da empatia em termos da erbalagem gramatical do tópico.

Também recorreremos à distinção entre figura e fundo, caracterizada por uma distinção entre o que é nuclear e o que é suplementar. Essa distinção foi formulada em termos lingüísticos por Hopper¹², de modo que, em contraste com o plano de fundo, o plano da figura está associado à cadeia temporal, apresenta aspecto perfectivo, ocorre em orações afirmativas, tem sujeito-tópico e apresenta alta transitividade.

A idéia de transitividade proposta por Hopper e Thompson¹³ compreende o grau de complexidade do evento denotado pelo enunciado e expresso pelos seguintes traços:

	Transitividade	
	alta	baixa
1. Número de participantes.....	dois ou mais	um
2. Grau de agentividade do sujeito.....	+	-
3. Grau de volicionalidade do sujeito.....	+	-
4. Punctualidade do verbo.....	+	-
5. Aspecto télico do verbo.....	+	-
6. Modo real da oração.....	+	-
7. Status afirmativo da oração.....	+	-
8. Grau de afetamento do objeto.....	+	-
9. Grau de individuação do sujeito.....	+	-
10. Status cinético da oração.....	+	-

Realizada essa revisão da literatura e considerada a nossa observação dos textos dos manuais, resultaram os seguintes fatores:

- A. continuidade e forma gramatical do referente;
- B. marcas de coesão;
- C. figura e fundo;
- D. organização temática dos segmentos do texto;
- E. empatia;
- F. marcas de tempo e de aspecto;
- G. remissão;
- H. ordem vocabular;
- I. transitividade;
- J. registro
- K. função.

A. Continuidade e forma gramatical do referente:

O texto de história segue as regras gerais de introdução de manipulação de referentes: corece com nome pleno indefinido; se continuar, faça-o com zero ou recupere-o com nome definido ou com pronome. Esses referentes novos entram como não-tópico, conforme se vê no 5º parágrafo do Texto 1("um trovante arrado").

O texto técnico, por sua vez, tende a trabalhar com referentes únicos: o computador, a impressora, o teclado, o redator, como no Texto 2. Por isso, no técnico, os referentes tendem a ser introduzidos, e também mantidos, como nomes plenos definidos.

Nos textos técnicos os referentes novos entram em bloco, normalmente na forma de lista. As listas, que são o recurso básico de informação, podem conter categoria sintática, desde que nela se enquadre a informação nova. As listas se tornam meio tão poderoso de visualizar e iconizar a informação, que chegam a ser formadas até por um único elemento.

B. Marcas de coesão:

a) Quanto ao emprego de conectivos, observa-se uma frequência superior de conectivos no texto histórico. No texto técnico tende a ser mais frequente o uso da parataxe.

Só no texto histórico encontra-se coordenação de predicado, ou seja, uma sequência de dois ou mais predicados associados a um mesmo sujeito, em configuração tal que é impossível recuperar o sujeito antes de cada um dos predicados coordenados, como no exemplo do Texto 3, onde não é possível dizer "e eles saíram", sob pena de abrir uma ambigüidade.

Nos textos técnicos os referentes novos entram em bloco, normalmente na forma de lista. As listas, que são o recurso básico de informação, podem conter qualquer categoria sintática, desde que nela se enquadre a informação nova. As listas se tornam meio tão poderoso de visualizar e iconizar a informação, que chegam a ser formada até por um único elemento.

b) Quanto às marcas de coesão: 1º) quanto a conectivos: o texto opera com conectivos em uma frequência superior à do texto técnico; no texto técnico, tende a ser mais frequente a parataxe; 2º) quanto à coordenação: só no texto histórico encontra-se coordenação de predicado, ou seja, uma sequência de dois ou mais predicados associados a um mesmo sujeito, em configuração tal que é impossível recuperar o sujeito antes de cada um dos predicados coordenados, com um: (p.106)". Mesmo assim, os soviéticos venceram os alemães e saíram da guerra como a segunda grande potência mundial." Não é possível dizer a eles saíram da guerra, sob pena de abrir ambigüidade.

c) Quanto à dicotomia figura-fundo o texto de história narra eventos dispostos no tempo, com recursos especiais para distinguir entre figura (linha dos eventos) e

fundo (linha dos correntários). Examina-se, neste sentido, a diferença entre o primeiro e os demais parágrafos do Texto 1. A linha dos eventos está marcada por verbos no tempo pretérito, aspecto conclusivo, e a linha dos correntários aparece em outros tempos, e no aspecto não-conclusivo. Já o texto técnico, de orientação finalista, tem todos os episódios ou parágrafos no mesmo plano neutro, como se pode ver no Texto 2.

- D) Quanto à organização dos episódios no texto didático as seções se referem a aspectos do tema, ordenados cronologicamente. Já no texto técnico os capítulos e as seções se combinam em termos paratáticos, no sentido de contribuírem com força igual para o alcance do objetivo.
- E) Quanto à empatia: o texto didático revela empatia positiva ou negativa em relação ao referente através da entalagem desse referente; no Texto 2, manifesta-se uma empatia positiva com o protagonista, que em quase todas as suas ocorrências, aparece identificado pelo seu nome próprio, ainda que sem valor de tópico. Já o antagonista, não individuado, aparece como: os paulistas, os políticos, apesar de sempre na posição de sujeito. Por sua vez, o texto técnico é neutro em relação aos equipamentos ou programas, mas procura interagir com o leitor, através de comandos imperativos explícitos e de formas coloquiais de tratamento faça, lique, aperte, voce.
- F) Quanto às marcas de tempo-espaço: o texto didático é localizado essencialmente no tempo-espaço, com simultaneidade, antecedências e conseqüências bem marcadas. O texto técnico, descritivo e processual, independe de tempo-espaço.
- G) Quanto à presença de marcadores de remissão no interior do texto: o caráter pouco ou nada finalista do texto didático faz com que ele seja pouco amarrado, ou seja contenha pouquíssimas remissões. No 1º parágrafo do texto 1, há uma referência ao "Partido Democrático, que havia apoiado a revolução de 1930". Entretanto, na parte em que se descreve a revolução de 30, não há qualquer referência à configuração do Partido Democrático. Parece que o autor do texto pressupõe que se o leitor quiser pode avançar ou recuar no livro à procura das informações (se é que elas existem). Já para o texto técnico é uma questão de honra ser completamente referenciado. Cada conceito ou comando aparece no sumário, no alto da página em que está sendo discutido, e em toda referência a esse conceito ou comando, há uma remissão exata sobre a página onde ele se encontra desdobrado no manual.
- H) Quanto à ordem vocabular: o texto didático utiliza-se da ordem verbo-sujeito para introduzir referentes novos ou para apresentar eventos tonolíticos, em que o sujeito não é ponto de referência, como no parágrafo quinto do texto 1:

A agitação cresceu e, no dia 9 de julho de 1932, reventou na capital paulista um revimento armado para depor o presidente da República.

O texto técnico, polar e informativo por excelência, só trabalha com a ordem sujeito-verbo.

- I) Quanto à transitividade, o texto de História contém alta taxa de eventos, verbos cinéticos, travaram combates, reventou, punctuais, agentes humanos, intencionais, Vargas e os paulistas, pacientes identificados e humanos, capitão.

Quanto a este parâmetro transitividade, o texto técnico é o oposto do didático: extremamente baixo em transitividade, é praticamente não-acontecente como se pode verificar no texto 2. O texto processual, em que as ações que o leitor encontra enumeradas são apenas distribuição da enumeração na linha do tempo, uma vez que é evidente que o leitor tem interesse em executar as ações exatamente na ordem em que são apresentadas. Portanto não há coação, mesmo que se codifiquem uma mensagem como "Coloque o disco". O texto apresenta fraca agentividade por tratar sistematicamente com referentes não-humanos, não-animados (embora frequentemente personalizados) que executam certas tarefas rotinizadas e regulares, e somente aquelas.

- J) Quanto ao registro verbal: o texto didático, por consenso e tradição, está codificado na língua padrão, sem tolerância ao menor cochilo gramatical, sob pena de vir a ser desaconselhado e desacreditado. Já o texto técnico produzido no Brasil, em fase de ensaio e erro, à procura de um estilo próprio, altamente dependente do mundo industrializado de língua inglesa, ressent-se de forte influência do "computacional", que chega ao ponto de alterar não só o léxico mas até a sintaxe. Além dessa influência alienígena, os manuais técnicos em geral ressentem-se de inconsistência gramatical em vários domínios: concordância, regência, uso de conectivos e organização de parágrafos. Seguem alguns comentários sobre o manual sistema de operação de disco do CP-500.

Certas conjunções inglesas têm seus valores semânticos expressos em português ora por conjunções, ora por preposições. A mera tradução de uma conjunção inglesa pela correspondente portuguesa pode alterar o sentido de um período, tal como no exemplo:

(p.96) Acomodar (block) é colocar mais que um registro lógico em um registro físico.

A tradução de than por que implica um valor comparativo: "acomodar é uma operação mais complexa do que colocar um registro lógico em um registro físico". Entretanto, conforme se pode comprovar pelo desenvolvimento do texto, a tradução adequada requereria a preposição de, um valor quantitativo: "Acomodar é colocar mais de um registro lógico em um registro físico".

Na tradução de formas gerundivas, que têm valor nominal no inglês, são comuns construções estranhas, em que formas verbais são acompanhadas de um se incompatível com o uso do imperativo na oração contígua:

(p.95) Para se processar arquivos aleatórios, use a charra \$POISN

(p.62) Use charadas especiais de ROM para se ter acesso a esse argumento. Também é descuidada a tradução de genitivos:

(p.94) Esta área fica sob responsabilidade do usuário de controlá-la antes e depois de entradas e saídas.

- K) Quanto à função: o texto didático visa a fazer saber; Leva a reflexão, e seu aprendizado representa habilidade dissertativo-expositiva: isto é uma habilidade que se manifesta pela palavra. Já o texto técnico leva à ação, e visa o fazer fazer, i.é, uma habilidade que se manifesta na manipulação de programas, sistemas e equipamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que este trabalho presta um serviço importante para a análise do discurso pedagógico e técnico em termos de revisão e análise crítica da literatura pertinente. Essa literatura mostrou-se insuficiente ou inadequada para dar conta dos aspectos mais relevantes do manual didático e técnico.

É urgente que se denuncie ao MEC, com sugestão de que chegue a denúncia à SEI, o baixo nível de codificação gramatical dos manuais técnicos produzidos no Brasil, em termos de léxico e de sintaxe.

Creemos que do confronto entre manuais técnicos e didáticos aqui apresentado ressalta a necessidade de que:

- a) o manual didático incorpore o recurso da remissão generalizada;
- b) o manual técnico fuja ao monótono estilo de nivelamento, e produza um texto modulado, com distinção entre figura (o que se quer efetivamente transmitir) e fundo (o que ambienta, localiza, torna assimilável o que se quer transmitir);
- c) os setores de documentação dos manuais técnicos submeter o texto final a profissionais competentes em codificação padrão;
- d) organizar-se seminários de intercâmbio entre profissionais de produção dos dois tipos de manuais, com vistas ao aprimoramento mútuo.

NOTAS

1. BEAUGRANDE, A. e DRESSLER, U. An introduction to text linguistics. Londres, Longman, 1982.
2. Iden, p. 3.
3. Iden, p. 4.
4. Iden, p. 7.
5. Iden, p. 7.
6. Iden, pp. 8 e 9.
7. Iden, p. 9.
8. Iden, p. 10.
9. GIVON, T. Topic continuity in discourse, Filadélfia, J. Benjamins, 1983.
10. FOX, B. Anaphora in popular written English narratives. Universidade do Colorado, Boulder, mimeo, 1986.
11. NICHOLS, J. The grammatical marking of there in literary Russian narratives. UC Berkeley, mimeo, 1986.
12. HOPPER, P. Aspect and foregrounding in discourse. Syntax and semantics, v. 12, Nova Iorque, Academic press, 1979
13. HOPPER, P. e THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. Language 56, nº 2, 1980.

ANEXOS

Texto 1: Rebelião em São Paulo

Em São Paulo encontrava-se o núcleo mais forte da oposição ao novo governo. Ali a oposição era encabeçada pelas forças oligárquicas, mas também pelo Partido Democrático que havia apoiado a Revolução de 1930.

O rompimento do Partido Democrático com Vargas, ocorreu quando o presidente entregou o governo de São Paulo ao capitão pernambucano João Alberto de Lins e Barros.

Os paulistas passaram a exigir um interventor civil e paulista, através de grandes manifestações de rua. Depois de algum tempo, Getúlio atendeu as reivindicações nomeando Pedro de Toledo, civil e paulista, para a interventoria.

Animados por essa vitória, os políticos de São Paulo passaram a exigir o fim do governo provisório de Vargas e a reunião de uma assembléia constituinte encarregada de fazer uma nova Carta Constitucional.

A agitação cresceu e, no dia 9 de julho de 1932, rebentou na capital paulista um movimento armado para depor o presidente da República.

Comandadas pelo general Isidoro Dias Lopes e pelo próprio interventor Pedro de Toledo, as forças de São Paulo travaram inúmeros combates contra as forças do governo federal, mas foram derrotadas ao fim de três meses.

Derrotados no plano militar, os paulistas terminaram obtendo uma vitória política. Logo depois do fim da luta, Vargas convocou eleições para a assembléia constituinte.

Campos, Raimundo. História do Brasil 2, Atual, S.P., 1985, pp. 96-97.

Texto 2: Vendo funcionar

Antes de prosseguir a discussão vamos abrir um parêntese para aqueles usuários que:

- . já tem o I-7000PCxt instalado;
- . querem dar uma olhada no funcionamento.

Se esse não é o seu caso prossiga a partir da seção 1.2. Caso você tenha o equipamento instalado, então:

. coloque o disco do SIM/DOS na unidade A, de disquete, e feche a porta da unidade;

- . ligue a impressora, o vídeo e o módulo base.

Aguarde alguns segundos. Quando o sistema exibir no vídeo a marca de pronto:

A>

Você já tem o teclado à disposição. De uma experimentada, então. Por exemplo, digite o comando abaixo:

A> DIR/P

terminado pela tecla enter

Você obteve a listagem do diretório do disco, exibida no vídeo.
SIM/DOS - Manual do Usuário, vol. 1, ITAUTEC, SP, 1986, p. 16.

Texto 3: (Carpos, Raimundo, História do Brasil, p. 106):

Neste assim, os soviéticos venceram os alemães e saíram da guerra como a segunda grande potência mundial.